

Angustiado, Despertei

Artigo publicado no jornal O Globo, no dia 13/10/2007

Cristovam Buarque *

www.cristovam.com.br

Estive cansado, junto com tantos outros, com a dificuldade de mudar a trágica realidade que caracteriza o Brasil. Mas despertei.

Despertei para o risco de que esses problemas pareçam pequenos diante do risco avassalador à frente: o de uma sociedade tão dividida que suas partes não percebam a semelhança entre si. Despertei para o fato de que o Brasil ainda não conseguiu se tornar nação. A Independência, a Abolição, a República, a Democracia foram insuficientes para unir nosso povo, compacto e solidário na convivência de suas desigualdades.

Despertei para a percepção de que a solução não está na simples manutenção da democracia e do crescimento econômico, nem em uma revolução social e econômica que desfaça tantas coisas boas que o Brasil conquistou nas últimas décadas: liberdade democrática, infraestrutura econômica, estabilidade monetária.

Despertei para o sentimento de que só a escola transforma a população em povo, e de que o amanhã de um país tem a cara da sua escola de hoje. O caminho para a construção do futuro da nação está na educação da sua população. E, sem garantir o acesso de todos à educação com a mesma qualidade, estamos condenando milhões de brasileiros à marginalidade e desperdiçando o potencial de cada um deles.

Despertei para o fato de que os dois muros que emperram o Brasil - o do atraso civilizatório e o da desigualdade social - só serão derrubados por uma revolução educacional. E essa revolução só ocorrerá se for tratada como questão nacional. Não teremos futuro se o futuro de nossas crianças depender da sorte da família em que nascerem e da cidade em que viverem.

Despertei para o fato de que, se no futebol a bola é redonda para todos, e os filhos das classes pobres alcançam o topo de carreira, uma escola igual para todos pode derrubar o muro de desigualdade que há séculos se perpetua no Brasil. E se os milhões de brasileiros que jogam futebol nos tornaram campeões mundiais, milhões de escolas com máxima qualidade nos tornarão também campeões na ciência e tecnologia e na economia de amanhã.

Despertei para o fato de que o mundo começa a substituir os operários por operadores, diferentes na qualificação educacional e profissional de que dispõem para entender o novo mundo global que surge, para usar os novos instrumentos técnicos da revolução científica e tecnológica, para se indignar com as injustiças sociais e os riscos ecológicos, para se deslumbrar com a beleza que os cerca.

Despertei para a perspectiva de que o capital do futuro está no conhecimento, criado em centros de pesquisas que surgem nas universidades, mas nascem na educação de base com

qualidade para todas as crianças. E de que não haverá futuro para a economia se o Brasil não se tornar um grande produtor de conhecimento.

Tristemente despertei para a tragédia da pequena consciência da população brasileira em relação à educação. Os ricos consideram que basta educar seus filhos, os pobres imaginam que uma boa educação para seus filhos não é um direito, nem sequer uma necessidade; os líderes políticos, empresariais e sindicais não percebem a importância da educação de base. Despertei para o fato de que o Brasil não terá futuro se não revertermos essa consciência equivocada, e despertarmos nos ricos a necessidade de educar a todos, nos pobres o sentimento do direito e a necessidade de educar seus filhos, e nos líderes a consciência da educação como vetor da riqueza.

Despertei para o fato de que nosso papel é despertar o povo brasileiro, e todas as suas classes, não só para o cansaço com a realidade, mas para a esperança e para a necessidade de uma revolução educacional: garantir escolas com a mesma qualidade em todo o país, para todas as classes e em todas as cidades. Escolas tão boas quanto às melhores no mundo.

Despertei também para a necessidade da paciência, porque essa revolução levará algumas décadas para ser realizada. Mas, angustiado, despertei para a urgência de iniciar imediatamente essa doce revolução.

* Professor da Universidade de Brasília, Senador pelo PDT / DF.

Decálogo do Educacionismo

Artigo publicado no Jornal do Commercio, no dia 05/10/2007

Cristovam Buarque *

www.cristovam.com.br

1) A civilização industrial do crescimento econômico se esgotou na depredação ecológica e na divisão social. Se nada mudar, em poucas décadas, o aquecimento global desarticulará a economia e banirá a vida de muitas regiões do planeta. A desigualdade social se transformará em apartação social e quebrará o sentimento de semelhança entre os seres humanos.

2) A alternativa socialista se esgotou na ineficiência econômica, na falta de liberdade individual, na depredação ecológica e na constatação da falsa igualdade entre cidadãos.

3) O vazio de alternativas criou um sentimento de "fim da história", de "morte das ideologias" e "ausência de líderes", e deixou a política acomodada, impotente frente à marcha para a catástrofe do aquecimento global e da apartação global.

- 4) O Educacionismo defende a recuperação dos sonhos utópicos para a construção de um projeto civilizatório. Propõe como utopia a garantia da mesma chance para cada ser humano des envolver seu potencial, conforme seu talento e sua persistência.
- 5) A mesma chance entre classes será obtida (i) por uma revolução educacional, que garanta a cada criança o acesso a uma escola com a mesma qualidade, qualquer que seja sua classe social ou a cidade onde ela viva, e (ii) pela adoção das medidas necessárias para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável que assegure os benefícios do desenvolvimento para as próximas gerações.
- 6) A escola de qualidade para todos exige padrões nacionais de equipamento e conteúdo, e um alto padrão nacional de salário e de formação do professor, que passa a ser visto como o principal agente da construção do programa e da utopia.
- 7) O educacionismo considera que o trabalhador do futuro deixará de ser operário e se transformará em operador, e que o capital-máquina será substituído pelo capital-conhecimento. Para tanto, a revolução educacional deverá ensinar um ofício moderno a cada jovem, ainda no Ensino Médio. Deverá ainda ir além da educação de base, fazendo uma refundação da universidade brasileira e criando os necessários centros de geração de ciência e tecnologia, em todas as áreas do conhecimento, garantindo a cooperação entre os setores públicos e privados.
- 8) Esses instrumentos revolucionários, necessários para a construção da utopia, exigem uma base eficiente nos sistemas político, social e econômico: (i) político: a definição de regras duráveis, que possam reger o processo democrático, garantir as liberdades individuais, assegurar justiça sem privilégios, dar poder ao eleitor e incentivar a participação popular e o respeito aos Três Poderes; (ii) social: assegurar a todos o acesso a saúde, moradia, água, esgoto, coleta de lixo, transporte público, serviços culturais; (iii) econômico: equilibrar as contas públicas, construir a necessária infra-estrutura de energia, transporte e serviços de logística, e dar um choque de eficiência na gestão dos negócios públicos e privados.
- 9) Consciente de que essa base eficiente e os instrumentos transformadores demorarão a apresentar resultados, o educacionismo considera necessário lançar um programa emergencial para enfrentar três problemas: o desemprego, a violência e a corrupção.
- 10) Na visão educacionista, o processo político se faz não apenas pelos filiados aos partidos organizados em siglas, mas sobretudo por militantes organizados em torno da causa educacionista, seja no processo eleitoral, seja nos movimentos sociais ou nas manifestações organizadas na rede virtual.

* Professor da Universidade de Brasília, Senador pelo PDT / DF.